

A QUESTÃO DA COMPETIÇÃO NO ESPORTE

Derli Juliano Neuenfeldt¹

Karina Goldoni²
Regina Casagrande
Jovani Gheno

RESUMO

Este artigo tem por objetivo debater a questão da competição. Inicialmente será abordado o seu significado, relacionado a sua presença tanto no trabalho, na sociedade e, principalmente, na escola. Em seguida, o significado da competição no esporte dentro da escola, o papel do professor perante a competição escolar e a introdução da cooperação nas atividades esportivas.

Palavras-Chaves: Educação Física, Esporte, Professor, Competição e Cooperação.

1 - INTRODUÇÃO

Nós temos como objetivo enfocar a questão da competição dentro de vários contextos e, em especial, na escola.

Compreendemos que ser competitivo nos dias de hoje é um recurso humano para estar no mundo. Em tudo o que ocorre, no trabalho, nas escolas, na família, na própria cultura tende-se a buscar cada vez mais o melhor, competindo, muitas vezes, contra nossas próprias limitações e com o meio em que vivemos.

Por vivermos num mundo capitalista e materialista, cada vez mais o ser humano busca seus desejos, ideais, podendo, às vezes, ultrapassar seus limites para poder alcançá-los.

¹ Prof. Ms. do Curso de Educação Física da UNIVATES

² Acadêmicos do Curso de Educação Física da UNIVATES

Porém, a competição mantém nas pessoas e na sociedade uma intensa busca de recursos e de adaptações, evoluindo nas criações da cultura na qual estão inseridos, cooperando em grupos ou até sozinhos para a continuação da própria espécie humana.

É como se uma grande parcela da humanidade estivesse se dando conta que a competição, muito presente hoje está denegrindo a população mundial.

A cultura das sociedades ocidentais, como o Brasil, tem a competição como uma das principais características. No cotidiano, encontram-se inúmeros exemplos de competição, por exemplo, na busca por um emprego melhor, um ensino qualificado, passar no vestibular das melhores instituições ou ainda condições econômicas e sociais melhores. As aulas de Educação Física não fogem à regra: utilizam bastante a disputa como base para o ensino. Mas, se a utilização for feita de forma equivocada, pode reforçar a concorrência desleal, sem valores e sem ética, ou seja, transmitir para o aluno o ideal do vencer não importando de que forma.

2.1- A COMPETIÇÃO

Hoje, na sociedade tecnocrática em que vivemos, a competição tomou um rumo que ameaça nossa sobrevivência, mas apesar disso não podemos pensar que tenhamos ultrapassado um estágio evolutivo que nos permita sobreviver sem ela. Já no século XIX, Darwin concordava que “todos os seres vivos estão exposto a uma rigorosa competição”.

Conforme Filho (2001) competição significa que alguns ganham outros perdem, que alguns são bem sucedidos e outros fracassam. Significa também que todos ficam felizes, até os que ganham, pois nada garantem que não se transformem em perdedores depois. Mantemo-nos em estado de guerra.

Somos ensinados em casa, na escola, e por toda a parte buscar a superioridade. Precisamos vencer no jogo, na briga...

Na escola somos admirados quando conseguimos notas altas, quando somos os primeiros colocados; e ridicularizados se acontece ao contrário. Ser iguais não basta. Somos ensinados a sempre querer a superioridade.

O termo “Competição” está sempre presente quando se aborda as relações entre as pessoas e grupos. Filho (2001) fala que alguns sistemas sociais já foram obrigados a rever práticas de trabalho onde o elemento competição foi totalmente eliminado, através da padronização das recompensas. Algum tipo de estímulo para os que se destacam em determinada tarefa pode ser necessário. Às pessoas, quando entregues a situações ou ambientes que levam a uma padronização de seus comportamentos, tendem a se desmotivar. Isto não significa que se deva estimular a competição entre pessoas ou grupos. Estamos sempre propensos a competir entre si.

A competição é selecionadora de raça e disseminadora de ressentimentos preconceituosos. Vencer a qualquer custo é o lema que orienta a competição, nas relações sociais e nos jogos desportivos.

2.2 – A COMPETIÇÃO NA ESCOLA

Negar o fator “competição” nos brinquedos e jogos infantis equivale a banir o desporto dos conteúdos de Educação Física.

A competição não nasce no jogo, mas é nele representada. Jogo e competição aparecem inconfundivelmente ligados.

A competição lúdica tem exercido funções importantes: no mínimo, a de manter, nas pessoas e na sociedade, uma característica que, na sua ausência, poderia ter nos causada a própria inexistência enquanto espécie.

Segundo Freire (1994), pessoas ligadas a Educação Física, começaram a apregoar a idéia de que eram indesejáveis as atividades que envolviam a competição. Como isso tentavam superar a idéia da competição, negando-a, acreditamos que este fator é banir o desporto dos conteúdos da Educação Física.

Não será exclusivamente a nossa vontade de “educadores insatisfeitos” com os efeitos nefastos que a competição assumiu na sociedade tecnocrática que irá extingüi-la das atividades infantis. A competição, como atividade de jogo, sempre existiu. Isso, contudo, não justificaria por si só sua manutenção.

O que é inegável, e não pode ser negado na escola, é a existência, na cultura infantil, dos jogos competitivos, particularmente da segunda infância em diante, quando começam a surgir os chamados jogos sociais.

Outra situação muito comum nas escolas é a supervalorização do vencedor em detrimento dos perdedores. A começar pela discriminação que sofrem na escola, todos aqueles que não conseguem vencer, quando se trata de selecionar elementos para uma competição, ou para representar a instituição em eventos esportivos. Pois durante estes encontros competitivos, prima-se somente os vencedores, ignorando-se a existência dos que obtêm colocações inferiores.

Este é o ângulo através da qual são vistas as competições pelas pessoas que as promovem na escola hoje em dia. São reprodutoras da forma mais abominável de competição que orienta as relações entre as pessoas de nossa sociedade, e que encontra sua expressão ritual mais importante nos jogos olímpicos modernos. Vencer a qualquer custo esse é o lema.

Talvez pudéssemos prestar um pouco de atenção no fato, absolutamente lógico, de que, na ausência de um vencido, não poderia existir um vencedor.

Conforme Freire (1994), professor realmente preocupados com o desenvolvimento das características humanas, ao invés de tentar eliminar o caráter competitivo dos jogos, deveriam procurar compreendê-lo e utilizá-lo para valorizar as relações.

As aulas de Educação Física não são momentos para se formar atletas, além disso, quando a criança se preocupa muito com a vitória, a tendência é de que o movimento correto seja deixado em segundo plano. É comum, por exemplo, naqueles jogos de estafeta – atividade em equipes que, dispostas em colunas, competem entre si – alguns alunos não realizem o movimento para que sua equipe se torne vencedora. Deve o professor, portanto, atentar para esses fatos.

Retirar a competição das aulas de Educação Física seria quase impossível, pois é um fator estimulante e motivador. Mas podemos trabalhar a competição de uma outra forma, buscando valorizar o trabalho em equipe, a socialização e respeito. Com o tempo a humildade e a auto-estima, aliados ao esforço também poderão trazer resultados vitoriosos.

Sintetizando, sem radicalismos: a competição é importante para o desenvolvimento infantil, mas deve ser usada de forma moderada e respeitosa, cabendo ao professor buscar formas criativas de atenuar as diferenças entre seus alunos.

2.3 - COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO EM SITUAÇÕES DE JOGO

Para Jean Chateau, pode-se perceber com alguma facilidade a passagem da brincadeira individual para a de competição.

Quer se trate de correr, pular, lançar uma flecha, usar uma farda, tudo pode ser jogo de um criança isolada. Mas, se duas crianças brincam lado a lado, uma rivalidade nascerá rapidamente: quem salta mais longe? ... quem corre mais depressa?(www.educacional.com.br, capturado dia 13/05/2003).

A competição exige a presença do outro. Ninguém sai vencedor em jogo se não houver alguém que deseje competir.

Aquele que é o primeiro colocado numa disputa individual, só o é por que houve um outro que foi o segundo. Nos jogos de coletiva, da ação de cada um depende do resultado do grupo. Nesse sentido, a competição ganha características de verdadeira cooperação.

O professor deve explorar, principalmente, esse aspecto do jogo competitivo. Deve, também abrir espaço para o exercício da autonomia e da independência, na discussão e definição de regras, na organização das equipes, na análise dos resultados e da própria competição.

2.4 - ASPECTOS TRABALHADOS ATRAVÉS DA COMPETIÇÃO

O caráter lúdico do esporte passou a inexistir nos dias atuais, tendo o rendimento e a competição ocupando este lugar pertencente ao lúdico. Os profissionais de Educação Física têm o dever de resgatar alguns aspectos positivos existentes nos jogos e que foram esquecidos atualmente.

Através da competição, aliada sempre ao lúdico, podem ser trabalhados os aspectos cognitivos, e afetivos psicomotores.

O jogo, por sua própria estrutura e dinâmica apresenta um espaço para a resolução de conflitos e a realização de desejos. Permite a formulação de hipóteses, discussão e elaboração de regras; favorece a socialização por meio de atitudes sociais de organização, comunicação e de cooperação, além de contribuir para exploração e apropriação de espaços e tempos variados, entre outras possibilidades.

Através do jogo e por meio dele o indivíduo será agente transformador, sendo um aspecto fundamental para se chegar ao desenvolvimento integral do ser humano. Ele pode ser um grande aliado da prática pedagógica, visando o desenvolvimento cognitivo, afetivo, moral e social e a construção de uma aprendizagem prazerosa e significativa.

O lúdico favorece na preparação para a vida, assimilando a cultura do meio em que vive, a ele se entregando, adaptando-se às condições que o mundo lhe oferece e aprendendo a competir, cooperar e a conviver como um ser social.

3 - CONCLUSÃO

Ao realizar esse artigo concluímos que a competição está presente em nosso meio, tanto na vida social, profissional e escolar, portanto é importante que nós, futuros profissionais, salientemos em nossas aulas de Educação Física escolar a importância do espírito esportivo e humano entre os alunos e com o professor. Cabe ao professor valorizar o vencedor sem menosprezar o perdedor, valorizando-o também, começando sem discriminar nas separações e seleções de times, grupos onde o objetivo é de vencer sobre tudo e qualquer coisa, ou na realização de atividades propostas. Na escola a competição deve ter um ponto de vista cooperativo buscando a troca de culturas, valores conhecimentos e prazeres dos educandos e educadores. Assim, termos uma competição com cooperação. Para que em suas vidas pratiquem as relações dentro dos valores.

Na verdade o que queremos, é que em atividades competitivas, onde as competências individuais se evidenciem, que o professor organize-as de modo a

democratizar as oportunidades de aprendizagem. É muito comum acontecer, em jogos pré-desportivos e nos esportes, que as crianças mais hábeis monopolizem as situações de ataque, restando aos menos hábeis os papéis de defesa, de goleiro ou de até mesmo a exclusão. O professor deve intervir diretamente nessas situações, promovendo formas de rodízio desses papéis, criando regras neste sentido. Exemplo: o rodízio do voleibol foi criado com este propósito. Cabe ao professor localizar quais as competências corporais em que alguns alunos apresentem, e promover atividades em que possam avançar.

É utópico pensar que todos os avanços e aprendizagem sejam homogêneos e simultâneos entre os alunos, uma vez que a diversidade traduz uma realidade de histórias de vivências corporais, interesses, oportunidades de aprimoramento fora da escola e o convívio em ambientes físicos diferenciados. A aula de educação física, para alcançar todos os alunos, deve tirar proveito dessas diferenças ao invés de configurá-las como desigualdades. A pluralidade de ações pedagógicas pressupõe que o que torna os alunos iguais é justamente a capacidade de se expressarem de forma diferente.

Não queremos que a competição seja tratada como monstro apavorante da conduta humana, mas como elemento constitutivo da atividade lúdica da criança onde seu papel fundamental será o de encaminhar para a cooperação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DARWIN, C. *Origens das espécies*. São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1985.
FILHO, I.P. *Competição versus Cooperação*. Artigo Internet, 2001.
FREIRE, J.B. *Educação de Corpo Inteiro*. São Paulo: Scipione, 1994.

BIBLIOGRAFIAS DE APOIO

- www.allanedfísicaartigos.hpg.ig.com.br
www.educacional.com.br
www.multiria.ij.com.br
www.ugf.com.br

